

## Na área da defesa a destruição continua

No passado dia 10, o Sr Ministro da Defesa (agora com uma novíssima e inédita particularidade – esvaziado das suas principais funções que delegou no Secretário de Estado) ao lado dos chefes militares, anunciou publicamente com pompa e circunstância um documento a que chamou de “Linhas Gerais da Reforma Defesa 2020”.

Um documento que vem alterar muito pouco o discurso que temos vindo a ouvir da boca dos governantes das últimas décadas. Com os eufemismos já bem gastos de “modelo sustentável”, “racionalizar a defesa militar” (será que ela tem sido irracional? O que dirão a isto os sucessivos ministros que nas últimas décadas passaram pela pasta da defesa), “maior eficiência na utilização dos recursos”, “reorganizar e racionalizar”, “economias de escala”, “vetores de inovação”, etc. o que o senhor Ministro vem anunciar são mais cortes e mais reduções que a serem implementadas, constituem um passo de gigante na desarticulação das Forças Armadas tal como hoje as conhecemos.

Pelos vistos o Sr Ministro não está contente com os chefes militares. Obviamente que é mais difícil convencer quatro chefes militares da bondade das suas intenções, do que convencer apenas um. Assim, esvazia as funções e responsabilidades dos chefes dos Ramos e concentra a capacidade de decisão em apenas um, elegendo-o também como único interlocutor. A intenção é clara. Nomeia-se para o CEMGFA uma figura dócil e submissa e as Forças Armadas ficam bem mais manietadas e domesticadas do que já estão. Torna-se assim muito mais fácil acorrentar as Forças Armadas aos objetivos políticos do partido que no momento ocupa o poder, em prejuízo das missões constitucionalmente consagradas. Por exemplo, a discordância pública e clara dos chefes militares no uso das Forças Armadas para missões de segurança interna e na repressão de manifestações populares se isso se tornar necessário (uma ideia de que os governantes nunca desistiram completamente) pode assim, muito mais facilmente, ser ultrapassada.

Fala em racionalizar o MDN através da junção de duas direções gerais. Mas além de não haver nenhuma garantia de se conseguir alguma poupança, correm-se sérios riscos de criar uma superestrutura que depois não funciona. Talvez seja esse mesmo o objetivo....

Mas a medida que mais interfere com o funcionamento da Instituição Militar é o anunciado corte de cerca de 7.000 militares, de 30% do pessoal civil, de 30% dos comandos e ainda uma redução significativa das verbas afetas à defesa. Mas não esclarece que serviços vão deixar de funcionar quando estas medidas forem aplicadas. Fala apenas no primado da componente operacional. Pois. É uma terminologia que já vem do tempo do tristemente famoso “Cabo Nogueira” dos anos 90. Os objetivos são bem evidentes. Descaraterizar as Forças Armadas, desarticulá-las e criar uma Força Armada com capacidade de intervenção nos mais variados teatro de operações, incluindo os que lhes estão vedados pela Constituição.

Mas há um conjunto de medidas que têm vindo a ser tomadas, às quais este documento não faz qualquer referência, mas que são estruturantes para o produto final em que o Governo pretende transformar a Instituição Militar. Contrariando frontalmente a lei, o Governo toma medidas que mandam às malvas a condição militar e tratam os direitos legítimos dos militares como dispêndios desnecessários que urge suprimir. A nomeação de civis, quadros dos Partidos

no poder, em detrimento dos militares, para o IASFA e para gerir a ADM revela bem as suas sinistras intenções. A reforma desastrada da saúde militar que até agora apenas trouxe prejuízos enormes à família militar, sem que os ganhos, mesmo financeiros, tenham algum significado, a questão da reserva e das tentativas para a sua supressão, as promoções que estando previstas, na prática não se estão a verificar dão-nos uma ideia do que nos espera.

Seria bom que o Governo e o Sr. Ministro assumissem frontalmente estas medidas. Mas preferem ficar calados, cumprindo à letra aquele ditado “O calado vence tudo”. O que se espera é que os atuais protagonistas governamentais não tenham muito mais tempo para seguir as suas políticas, tipo rolo compressor que esmaga tudo o que encontra. Sim, porque a desgraça não envolve apenas o senhor Primeiro Ministro e o senhor Ministro da Defesa. Envolve também todos os outros ministros e o governo na sua globalidade, agora recauchutado com novos titulares mas que, tudo o indica, se resume à mudança das moscas.....

Comandante Fernandes Torres